

Em reedição, o movimento dos estudantes

Quem dava por morto e enterrado o tal movimento estudantil, aquele ruidoso ME dos tão ruidosos anos 60, perdeu a aposta. Ele voltou recuperando as ruas como o seu cenário predileto — em panfletagens, comícios relâmpagos, passeatas, atos vários. De março passado até agora, pelo menos dez manifestações chegaram às páginas dos jornais, ressuscitando antigas reivindicações ou anunciando novas: mais verbas para as escolas, apoio à pesquisa, repúdio à censura e ao projeto de reforma universitária proposto pelo Governo.

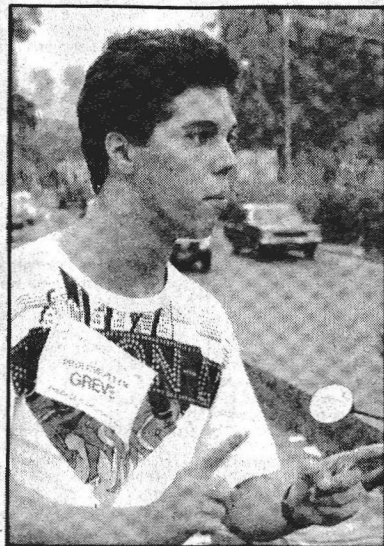
Parecia mesmo impossível: nos últimos anos os estudantes, enquanto grupo social, não conseguiam se organizar nem para reformar o bandeirão da escola, quanto mais para discutir seus problemas. Havia quem continuasse culpando a ditadura pelo famoso marasmo, mesmo quando outros setores da sociedade há muito arregaçaram suas mangas e buscaram ocupar espaços. Mas depois de um pique

inesperado em 79, quando o ME juntou-se aos movimentos pela anistia, os centros acadêmicos, a UEE ou UNE jamais voltaram a atrair a chamada massa estudantil para suas propostas. Em edição revista e atualizada, entretanto, o movimento vem desenhando sua nova versão. O movimento estudantil anos 80 conquista mais uma geração.

— Eles transformaram as entidades em guetos.

Assim William Alberto, 19 anos e colaborador do DCE da USU, justifica o período de marasmo vivido pelo movimento estudantil durante os últimos sete anos. Para William, os que estão na direção da UNE de 79 até agora (a corrente "Viração", com vários de seus membros ligados ao PC do B) não conseguiram mobilizar os estudantes basicamente porque caíram "nos erros do positivismo":

— Esse pessoal ainda faz política de cima pra baixo, com conchavos e reuniõezinhas de diretoria. Eles aparelharam as



William condena o aparelhismo no ME

“Esse pessoal faz política de cima para baixo, com conchavos”

William Alberto

entidades e paternalizaram o movimento. Por isso ninguém ouviu falar de ME, no início desses anos 80.



André acha que é momento de unir

“Os estudantes estão se tocando para a necessidade de se unirem”

André Vilarão

O Vice-Presidente da UNE da Região Sudeste, Altermar Lima, 22 anos, discorda do companheiro. Ele não admite tais versões

para o movimento, que em sua opinião nunca perdeu a força, dentro ou fora das escolas. O ME fervilhava nesses últimos anos, assegura Altermar — os jornais é que não noticiavam:

— Participamos ativamente da campanha pelas diretas, em 85 fizemos grandes manifestações contra o estado de emergência. Agora, o que podemos fazer se a imprensa nunca deu destaque às nossas manifestações? Esse pessoal que agora acusa a UNE de aparelhamento é que não sabe conduzir o ME. Eles falam em auto-gestão, em entidades sem diretoria, anarquistas: pois essas coisas é que desmobilizam os estudantes. Esse grupo é que é velho, careta, com uma cabeça do século XVIII.

Velhas ou novas, as cabeças destes estudantes concordam em um ponto: o movimento está voltando aos seus dias de glória. A recente ascensão das bandeiras estudantis, contudo, encontram explicações diferentes — em função da corrente de pensamento a que o estudante se filia. Para André Vilarão, 20 anos, um dos quatro coordenadores do Caco, o centro acadêmico da Faculdade de Direito da UFRJ (a entidade que organizou a manifestação contra o Ministro Aureliano Chaves, no último dia 2), o movimento alcançou seu atual pique principalmente porque esse é o ano da Constituinte — momento precioso para votação de questões ligados ao universo estudantil, como a reforma universitária:

— Os estudantes estão afinal se tocando para a necessidade de se unirem, independente de tantas divergências políticas entre as diretorias das entidades.

Na opinião de Altermar Lima, o Vice-Presidente da UNE, o aguçamento das contradições sociais e da crise econômica, depois da falência do Plano Cruzado, foi o estopim para a nova onda do movimento. William Alberto, da USU, não descarta as condições atípicas desse ano de Constituinte para o pique do ME, mas acredita que suas raízes sejam mais profundas. Para ele, esse é um momento histórico em que duas correntes de pensamento enfrentam-se dentro do movimento — de um lado, o que chama de “positivistas”, viciados nas velhas práticas de condução do movimento; de outro, lado em que evidentemente se inclui, os que buscam a integração do ME ao movimento permanente de questionamento e renovação dos costumes:

— Não queremos que os estudantes se revoltam, mas se rebalem. Não é para sair às ruas simplesmente pedindo por mais verbas, temos que nos perguntar para quem serve, a quem serviu e para onde vai esse ensino. E além disso levantar temas que estão dentro de todos os nós, como amor, sexo, casamento, política nuclear, cultura. Foi por ligar-se à essas questões que o movimento de 68 empolgou tanto: não era só ME, era a vida.